

## SETOR EXTERNO

# Balanço de pagamentos, balança comercial e taxa de câmbio

## Sumário

A queda do déficit em transações correntes no primeiro trimestre em relação ao mesmo período do ano passado, de US\$ 23 bilhões para US\$ 20 bilhões, foi puxada principalmente pelo aumento de US\$ 4,4 bilhões no saldo comercial, sobretudo pelo aumento nas exportações, de US\$ 5,1 bilhões. Os investimentos diretos no país (IDPs) somaram ingressos líquidos de US\$ 21 bilhões no primeiro trimestre de 2026, contra US\$ 23 bilhões no mesmo período de 2025. Os IDPs vêm apresentando desaceleração marginal, mas permanecem em níveis elevados: em março, corresponderam a 3,2% do produto interno bruto (PIB), no acumulado em doze meses, depois de caírem desde o pico de 3,7% do PIB em novembro de 2025. As reservas internacionais continuam altas, com a queda de março causada principalmente pelas variações em taxas de câmbio entre moedas e variações nos preços dos ativos que compõem as reservas, somadas à intervenção do Banco Central do Brasil (BCB), que vendeu US\$ 2 bilhões no mercado à vista. Embora o BCB não explicita em sua nota para a imprensa a razão dessa intervenção, é possível que tenha sido motivada pelo início da guerra entre Estados Unidos e Irã. O primeiro bombardeio ocorreu em 28 de fevereiro e, nos primeiros dois dias de março, a taxa de câmbio no Brasil subiu de R\$ 5,15 para R\$ 5,29/US\$. E, nos primeiros três dias, a saída de dólares pelo segmento financeiro foi de US\$ 5,8 bilhões. Assim, o BCB pode ter agido para suprir liquidez num momento de estresse. O mês de março foi uma pausa na trajetória recente de valorização do real; durante o mês, a cotação do dólar oscilou sem tendência, começando em R\$ 5,20 e terminando em R\$ 5,22.

O saldo da balança comercial nos primeiros quatro meses de 2026 foi de US\$ 25 bilhões, 43% maior que no mesmo período do ano passado. O aumento foi consequência do crescimento das exportações, que registraram US\$ 116 bilhões (+9,0%), enquanto as importações aumentaram 3,0%, somando US\$ 92 bilhões. O aumento mais recente de exportações e importações, na evolução das séries dessazonalizadas em relação ao fim do ano passado, foi, em ambos os casos, puxado predominantemente pelos preços.

Analisando os principais destinos das exportações brasileiras por blocos no acumulado do período de janeiro a abril, observa-se aumento das exportações, em relação a 2025, para a Ásia (20%) – destino de 46% das exportações brasileiras no período – e para a Europa (10%). Houve retração de 10% nas exportações para a América do Norte, reflexo principalmente da queda de 17% nas vendas para os Estados Unidos, parcialmente compensada pelo aumento de 19% nas exportações com destino ao México e 4% para o Canadá. Do lado das importações, verificou-se crescimento das

**Estêvão Kopschitz Xavier Bastos**

Técnico de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Dimac/Ipea)

[estevao.bastos@ipea.gov.br](mailto:estevao.bastos@ipea.gov.br)

**Caio Rodrigues Gomes Leite**

Pesquisador bolsista do Subprograma de Pesquisa para o Desenvolvimento Nacional (PNPD) na Dimac/Ipea

[caio.leite@ipea.gov.br](mailto:caio.leite@ipea.gov.br)

Divulgado em 19 de maio de 2026.

compras vindas da Ásia (10%) e América do Sul (4%); enquanto as importações provenientes da América do Norte e da Europa recuaram 7% e 1%, respectivamente.

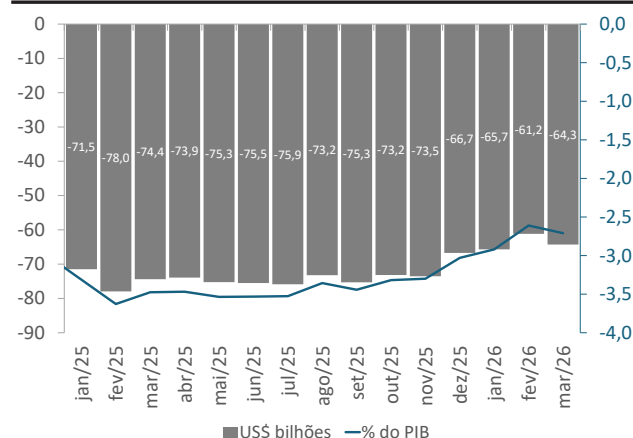
A guerra no oriente médio tem trazido consequências, como o aumento dos preços do petróleo (60%) e dos fertilizantes (25% – considerando uma média de três tipos importados pelo Brasil). As exportações brasileiras para a região foram, em média, de US\$ 16 bilhões nos últimos três anos, o que representa 5% das exportações brasileiras. Os principais produtos exportados para a região nos quatro primeiros meses deste ano foram: açúcar (15% do total), frango congelado (15%), milho (10%), soja (8%), bagaços e outros resíduos sólidos da extração do óleo de soja (6%), carne bovina (5%) e minério de ferro (4%). No lado das importações, as compras médias dos últimos três anos foram de US\$ 8 bilhões, o que representa apenas 3% das importações totais do Brasil. Os principais produtos nos primeiros quatro meses do ano foram: óleo diesel (31% do total importado da região e 21% do total de óleo diesel importado no período), óleos brutos de petróleo (25% do total importado e 25% do total de petróleo importado no período), outros cloretos de potássio (6% do total importado e 10% do total de outros cloretos de potássio importados no período) e ureia (5% do total importado e 17% do total de ureia importada no período). Os dois últimos itens correspondem a fertilizantes potássicos e nitrogenados, respectivamente, tema que tem gerado preocupação, uma vez que os países da região figuram entre os principais produtores e exportadores globais desses produtos e sua escassez pode prejudicar a produção agrícola.

## 1 Balanço de pagamentos<sup>1</sup>

A conta de transações correntes registrou déficit de US\$ 20 bilhões no primeiro trimestre de 2026, 11% menor se comparado com o mesmo período do ano passado, quando foi de US\$ 23 bilhões. No acumulado em doze meses encerrados em março, o déficit somou US\$ 64 bilhões (2,7% do PIB), ante US\$ 74 bilhões (3,5% do PIB) em março de 2025. O déficit acumulado em doze meses vem em tendência de redução desde dezembro último, tendo registrado, em novembro, US\$ 73,5 bilhões e 3,3% do PIB (gráfico 1). A queda do déficit no primeiro trimestre em relação ao mesmo período do ano passado foi puxada principalmente pelo aumento no saldo comercial, sobretudo pelo aumento nas exportações. O aumento no déficit nas rendas primárias – compostas, principalmente, de remuneração de empregados, lucros e juros – impediu que a melhoria na conta corrente fosse maior (tabela 1).

GRÁFICO 1

**Saldo em transações correntes acumulado em doze meses**  
(Em US\$ bilhões e % do PIB)



Fonte: Banco Central do Brasil (BCB).

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea.

TABELA 1

**Composição da variação do saldo em transações correntes entre jan.-mar. 2025 e jan.-mar. 2026**

(Em US\$ bilhões)

| Transações Correntes |      |
|----------------------|------|
| Balança comercial    | 2,4  |
| Exportações          | 4,4  |
| Importações          | 5,1  |
| Serviços             | 0,7  |
| Renda Primária       | 0,3  |
| Renda Secundária     | -2,6 |
|                      | 0,4  |

Fonte: BCB.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

1. Última divulgação das estatísticas do setor externo pelo BCB: 24 de abril de 2026, com dados atualizados até março de 2026.

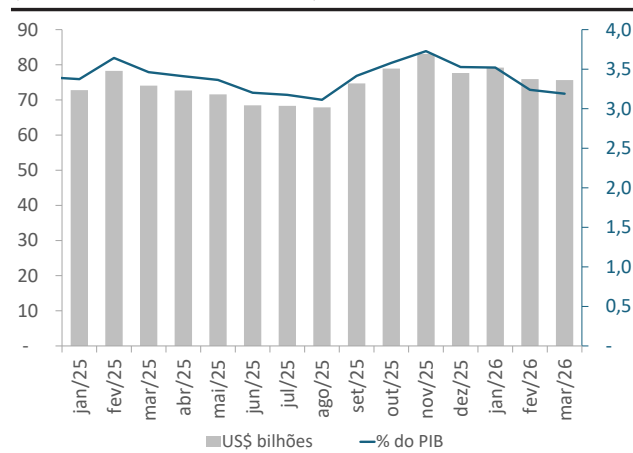
A balança de serviços apresentou queda no déficit, nos dados acumulados em doze meses, saindo de US\$ 55 bilhões em março de 2025 para US\$ 50 bilhões em março deste ano. Em relação às contas de rendas, a renda primária<sup>2</sup> apresentou aumento no déficit, no acumulado em doze meses, em comparação com o ano anterior, saindo de US\$ 80 bilhões para US\$ 84 bilhões. Já a renda secundária<sup>3</sup> apresentou aumento no superávit, que passou de US\$ 4,6 bilhões em março de 2025 para US\$ 5,9 bilhões – porém os valores da renda secundária são pouco expressivos, representando cerca de 0,25% do PIB em 2026.

Os IDPs somaram ingressos líquidos de US\$ 21 bilhões no primeiro trimestre de 2026, contra US\$ 23 bilhões no mesmo período de 2025 (queda de 8,7%). No acumulado em doze meses até março, o IDP foi de US\$ 75,7 bilhões (3,2% do PIB), contra US\$ 74,1 bilhões (3,5% do PIB) em março de 2025. Os investimentos diretos no Brasil vêm apresentando desaceleração marginal (gráfico 2).

O gráfico 3 apresenta a evolução das reservas internacionais, que vinham numa trajetória de crescimento até fevereiro, quando atingiram US\$ 371 bilhões, porém fecharam março em US\$ 362 bilhões. A queda de março, de US\$ 9 bilhões, foi causada principalmente pelas variações em taxas de câmbio entre as moedas componentes das reservas (US\$ 5,0 bilhões) e variações negativas de US\$ 2,9 bilhões nos preços dos ativos que compõem as reservas, somadas à intervenção do BCB que vendeu US\$ 2 bilhões no mercado à vista.

GRÁFICO 2

**Investimento direto no país (IDP): dados acumulados em doze meses**  
(Em US\$ bilhões e % do PIB)

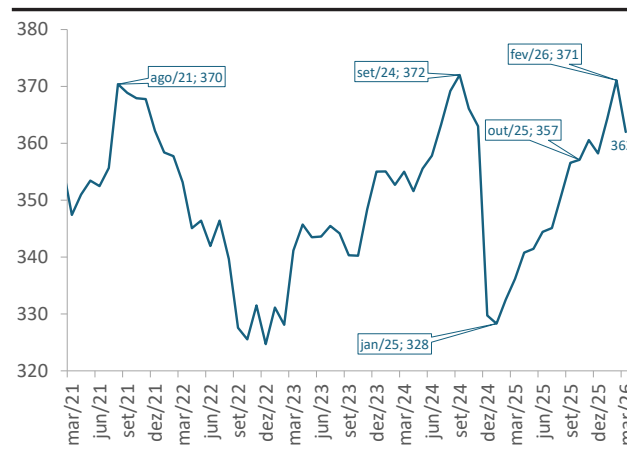


Fonte: BCB.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 3

**Reservas Internacionais**  
(Em US\$ bilhões)



Fonte: BCB.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

## 2 Balança comercial<sup>4</sup>

O saldo da balança comercial nos primeiros quatro meses de 2026 foi de US\$ 24,8 bilhões, 43% maior que no mesmo período do ano passado. Esse aumento foi consequência do crescimento das exportações, que registraram US\$ 116,5 bilhões, (+9,0%), enquanto as importações aumentaram apenas 3,0%, somando US\$ 91,7 bilhões.

O gráfico 4 mostra que, na margem (média móvel trimestral dessazonalizada), as exportações, que se mantinham relativamente estáveis desde abril de 2024, embarcaram numa trajetória de crescimento a partir de junho

2. Remuneração de empregados, juros e lucros e dividendos.

3. Rendas secundárias: transferências.

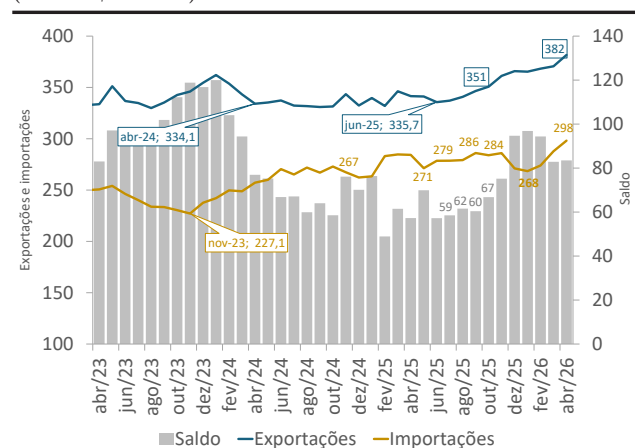
4. Última atualização dos dados consolidados ocorreu em 7 de maio, referente a abril de 2026.

de 2025, enquanto as importações, que vinham em crescimento desde novembro de 2023, apresentaram quedas significativas em dezembro de 2025 e janeiro de 2026, mas voltaram a subir nos últimos meses.

O gráfico 5 indica que o aumento recente das exportações foi consequência, principalmente, do aumento dos preços (3,5% maior em relação a dezembro de 2025), uma vez que a quantidade exportada foi apenas 0,9% maior em relação a dezembro de 2025. Por sua vez, o gráfico 6 revela que o aumento das importações nos primeiros meses do ano também foi puxado principalmente pelo aumento dos preços, que cresceram 5,0% no período, enquanto a quantidade importada aumentou 2,2%.

GRÁFICO 4

**Exportações, importações e saldo comercial: médias móveis de três meses anualizadas – séries mensais dessazonalizadas**  
(Em US\$ bilhões)

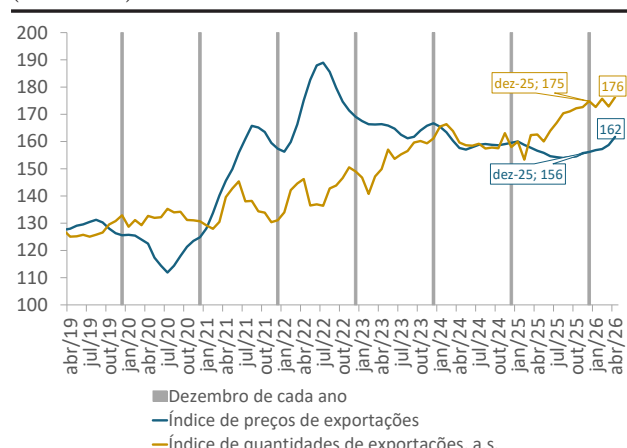


Fonte: Secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Secex/MDIC).  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

O gráfico 7 apresenta os principais destinos das exportações brasileiras por blocos no acumulado do período de janeiro a abril. Observa-se aumento das exportações, em relação a 2025, para a Ásia (+20,0%), destino de 46% das exportações brasileiras no período, com destaque para a China, que cresceu 25,4%, e para a Europa (+10,0%). Em contrapartida, houve retração de 10,0% nas exportações para a América do Norte, reflexo principalmente da queda de 16,7% nas vendas para os Estados Unidos, parcialmente compensada pelo aumento de 19,1% nas exportações com destino ao México e 3,9% para o Canadá. Como pode-se observar na tabela 2, a participação das exportações para a América do Norte no período caiu 2,9 pontos percentuais (p.p.) – de 16,5% em 2025 para 13,6% – sendo realocadas principalmente para a Ásia, que cresceu 4,1 p.p. – de 41,7% para 45,8%. Tal fato pode ser explicado pelas tarifas impostas pelo presidente Trump em abril de 2025, que impactaram todo o fluxo de comércio mundial. O gráfico 8 mostra o efeito dessas tarifas no comércio entre Brasil e Estados Unidos: a corrente de comércio – soma

GRÁFICO 5

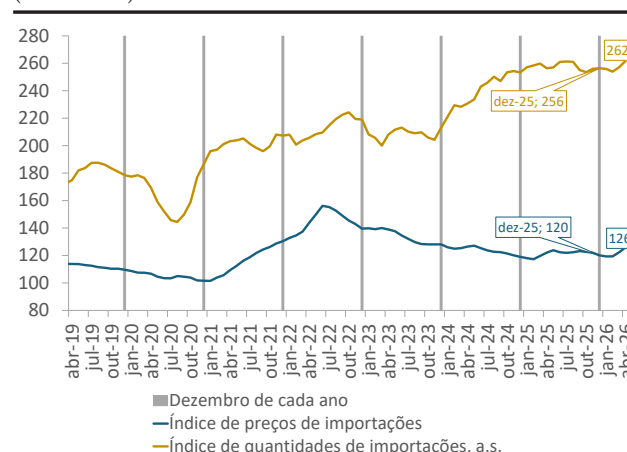
**Índices de preço e *quantum* de exportações, média móvel de três meses**  
(2006=100)



Fonte: Secex/MDIC.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 6

**Índices de preço e *quantum* de importações, média móvel de três meses**  
(2006=100)



Fonte: Secex/MDIC.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

de exportações e importações – apresenta variação interanual negativa desde agosto de 2025. Nos quatro primeiros meses do ano, foi de US\$ 23,2 bilhões, em queda de 14,8% em relação ao primeiro quadrimestre de 2025 (por coincidência, a mesma queda entre março de 2025 e março de 2026 mostrada no gráfico).

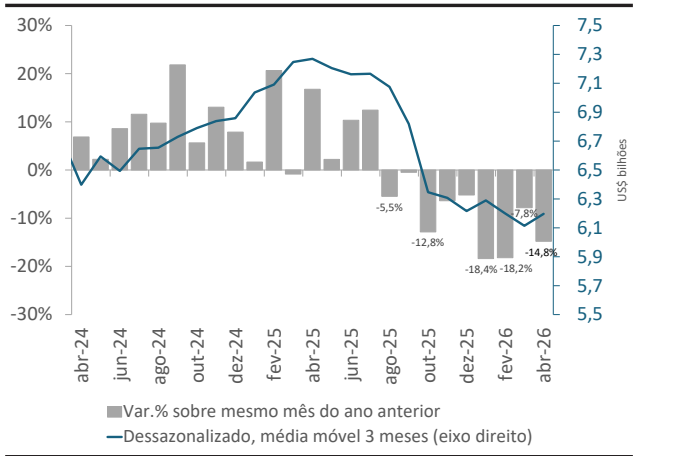
Do lado das importações, verificou-se crescimento das compras vindas da Ásia (+9,8%) e América do Sul (+4,1%); enquanto as importações provenientes da América do Norte e da Europa recuaram 7,0% e 1,1% respectivamente (gráfico 9). A tabela 3 indica que, assim como aconteceu com as exportações, a participação das importações da América do Norte caiu no período observado (-1,7 p.p.), puxada pela queda nas importações vindas dos Estados Unidos, que caíram 13% no período, sendo compensada pelas originadas na Ásia, que aumentaram 2,8 p.p.

TABELA 2  
Participação dos blocos nas exportações brasileiras (jan.-abr.)  
(Em %)

|                            | 2023  | 2024  | 2025  | 2026  |
|----------------------------|-------|-------|-------|-------|
| Ásia (excl. Oriente Médio) | 43,3% | 45,2% | 41,7% | 45,8% |
| Europa                     | 18,4% | 16,5% | 19,1% | 19,2% |
| América do Norte           | 14,5% | 15,7% | 16,5% | 13,6% |
| América do Sul             | 13,5% | 10,5% | 12,1% | 11,0% |

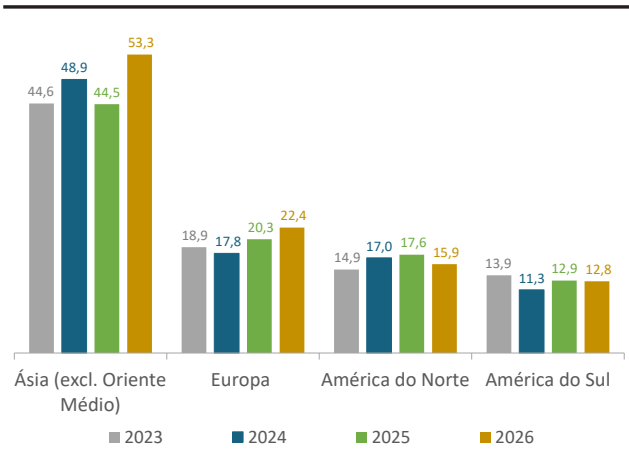
Fonte: BCB.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 8  
Corrente de comércio Brasil e Estados Unidos: variação interanual mensal e média móvel de três meses da série dessazonalizada  
(Em % e US\$ bilhões)



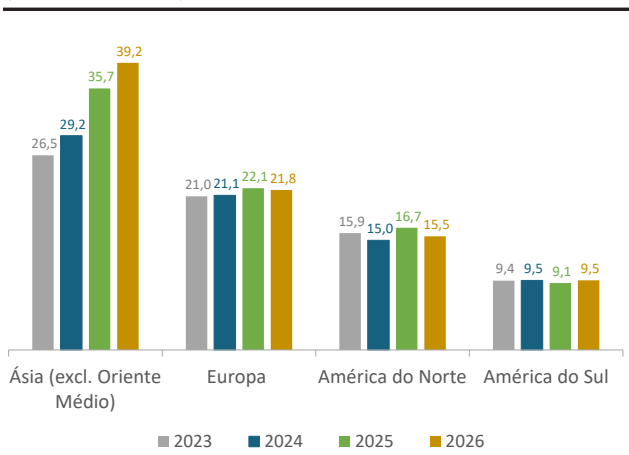
Fonte: Secex/MDIC.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 7  
Exportações brasileiras para blocos selecionados: valor acumulado de janeiro a abril de cada ano  
(Em US\$ bilhões)



Fonte: Secex/MDIC.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.  
Obs.: As exportações para a China corresponderam a 64% do bloco Ásia (exclusive Oriente Médio) de janeiro a outubro de 2025.

GRÁFICO 9  
Importações brasileiras de blocos selecionados: valor acumulado de janeiro a abril de cada ano  
(Em US\$ bilhões)



Fonte: Secex/MDIC.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.  
Obs.: As importações da China corresponderam a 67% do bloco Ásia (exclusive Oriente Médio), de janeiro a outubro de 2025.



TABELA 3

**Participação dos blocos nas importações brasileiras (jan.-abr.)**

(Em %)

|                            | 2023  | 2024  | 2025  | 2026  |
|----------------------------|-------|-------|-------|-------|
| Ásia (excl. Oriente Médio) | 33,4% | 36,0% | 39,9% | 42,7% |
| Europa                     | 26,4% | 26,0% | 24,7% | 23,8% |
| América do Norte           | 20,1% | 18,4% | 18,6% | 16,9% |
| América do Sul             | 11,9% | 11,7% | 10,2% | 10,3% |

Fonte: Secex/MDIC.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

**Box 1****Acordo Mercosul-União Europeia**

A parte comercial do acordo Mercosul-União Europeia entrou em vigor de forma provisória em 1º de maio de 2026. Para esse efeito, os países do Mercosul são seus quatro membros fundadores e plenos: Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai.

De acordo com a Agência Senado,<sup>5</sup> a abertura dos mercados não será total nem imediata para todos. Há produtos que passaram a ter imposto zero já no primeiro dia de vigência do acordo. É o caso do café, frutas, nozes, óleos e couros. Outros terão desgravação progressiva – reduções graduais que ocorrem ao longo de anos ou mesmo décadas. O setor de carros elétricos e híbridos, por exemplo, terá queda lenta nas tarifas. O acordo também prevê a abertura gradual para máquinas e equipamentos industriais europeus, o que pode reduzir custos e estimular a modernização. Por fim, há as cotas para produtos sensíveis, itens que nunca terão tarifa totalmente zerada. Haverá um limite de volume (cota) com imposto reduzido. Para a carne bovina, o teto é de 99 mil toneladas por ano; acima disso, a tarifa volta ao normal. O modelo se repete em setores como lácteos, com restrições para proteger a produção nacional; e na carne de frango, com controle para evitar aumento brusco da oferta. Açúcar e arroz também têm volumes limitados, assim como o mel, que pode perder benefícios se houver alta nas importações.

O Acordo Provisório de Comércio foca na parte econômica e comercial. O Acordo Geral, que trata de cooperação política e governança ambiental, exige a ratificação individual de cada estado-membro da União Europeia, sendo que há países que oferecem forte resistência, como França, Polônia e Irlanda. Por enquanto, o Tribunal de Justiça da União Europeia analisa a legalidade do texto, um processo que pode levar até dois anos, mas que não impede a vigência comercial imediata iniciada em maio.

Box elaborado por Estêvão Kopschitz

**3 Efeitos da guerra**

Fontes recentes de preocupação resultam da guerra no Oriente Médio, iniciada no fim de fevereiro, que pode vir a impactar o comércio com a região. As exportações brasileiras para o bloco foram em média de US\$ 16 bilhões nos últimos três anos, o que representa 5% das exportações brasileiras. Os principais produtos exportados para a região nos quatro primeiros meses deste ano foram: açúcar (15% do total), frango congelado (15%), milho (10%), soja (8%), bagaços e outros resíduos sólidos da extração do óleo de soja (6%), carne bovina (5%) e minério de ferro (4%). No lado das importações, as compras médias dos últimos três anos foram de US\$ 8 bilhões, o que representa apenas 3% das importações totais do Brasil. Os principais produtos nos primeiros quatro meses do ano foram: óleo diesel (31% do total importado da região e 21% do total de óleo diesel importado no perí-

5. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2026/04/sonhado-ha-30-anos-acordo-mercosul-ue-entra-em-vigor>.

odo), óleos brutos de petróleo (24,6% do total importado e 24,8% do total de petróleo importado no período), outros cloretos de potássio (6% do total importado e 10% do total de outros cloretos de potássio importados no período) e ureia (5% do total importado e 17% do total de ureia importada no período). Os dois últimos itens correspondem a fertilizantes potássicos e nitrogenados, respectivamente, e têm gerado preocupação no mercado, uma vez que os países da região figuram entre os principais produtores e exportadores globais desses produtos e sua escassez pode reduzir a produção agrícola e aumentar os preços dos alimentos.

O Brasil importou 4,5 milhões de toneladas de fertilizantes potássicos nos primeiros meses do ano, volume 17% superior ao registrado no mesmo período de 2025. No ano passado, 58% das importações brasileiras desses produtos tiveram como origem a Rússia, seguida por Canadá (30%), Israel (8%) e Alemanha (3%). Em 2026, observou-se uma pequena diversificação das origens: o Canadá passou a responder por 35% das importações, seguido pela Rússia (31%), Turcomenistão (19%), Israel (8%) e Alemanha (4%).

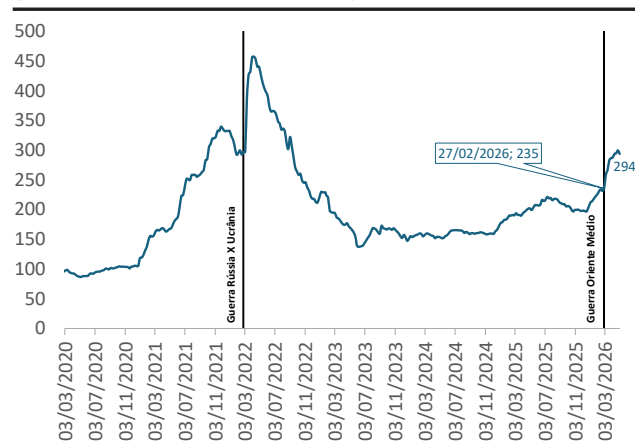
Quanto aos fertilizantes nitrogenados, o Brasil importou 3,5 milhões de toneladas, 4% a menos que no mesmo período de 2025. No ano passado, 41% desses produtos vieram da China, 15% da Nigéria, 12% da Rússia e 8% do Catar. Em 2026, a China representou 51% da origem dessas importações, a Rússia, 13%; a Nigéria, 9%; a Venezuela, 4%. A saída do Catar da lista de principais fornecedores pode ser consequência do conflito, pois o país fica dentro do Golfo Pérsico, estando afetado pelo bloqueio do Estreito de Ormuz.

O impacto da guerra não se restringe à logística dos países diretamente envolvidos, mas também se estende aos preços das *commodities*, com reflexos sobre a balança comercial global. Nesse contexto, o preço dos fertilizantes registrou forte alta e, em 1º de maio, encontrava-se 25% acima do nível observado em 27 de fevereiro de 2026, dia anterior ao início da guerra, de acordo com o índice de preços semanais de fertilizantes da Green Markets para o Brasil<sup>6</sup> (gráfico 10). A soja, que registrou um movimento de alta logo após o início do conflito, durante as duas primeiras semanas de março, mas rapidamente retornou para patamares próximos aos observados antes da guerra, voltou a subir na última semana de abril e começo de maio (gráfico 11). No caso do minério de ferro, também houve alta logo após o primeiro bombardeio dos Estados Unidos em 28 de fevereiro, mas apenas para voltar ao nível em que estava em janeiro, depois de brusca queda – e uma nova alta se verificou nos primeiros dias de maio (gráfico 12). O preço do petróleo, por sua vez, teve forte alta com a guerra, passando da faixa de US\$ 60 a 70/barril em que oscilava antes (tomando o Brent como referência) para a de US\$ 90 a 120. Considerando os pontos médios dessas faixas, o aumento foi de 62% (gráfico 13).

GRÁFICO 10

**Índice de preços: fertilizantes**

(Índice semanal, 5/1/2020 = 100)



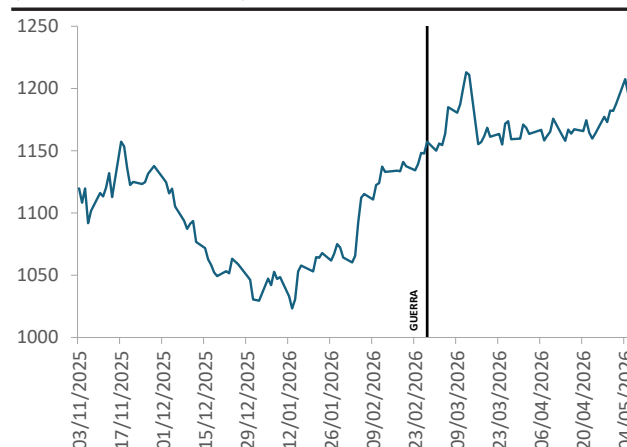
Fonte: Green Markets Brasil.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 11

**Preço da soja**

(Em US\$ cents/bushel)



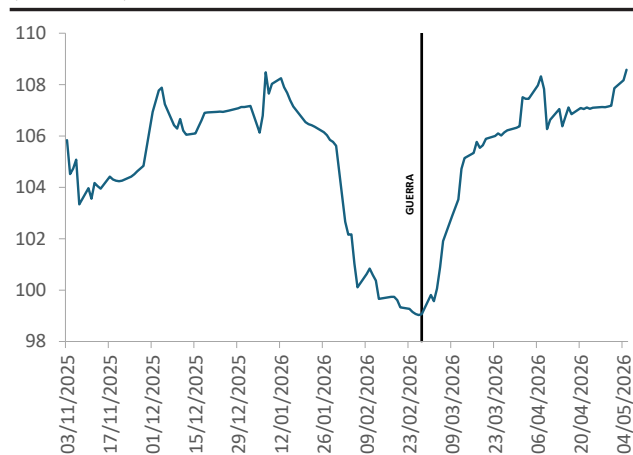
Fonte: Bloomberg.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

6. O Índice de Preços de Fertilizantes da Green Markets Brasil é construído a partir dos preços de referência de fertilizantes dos contratos de custo e frete (CFR) no porto de Paranaguá para a ureia, cloreto de potássio e MAP e ponderado em relação à demanda brasileira de cada nutriente.

GRÁFICO 12

**Preço do minério de ferro**  
(Em US\$/t)

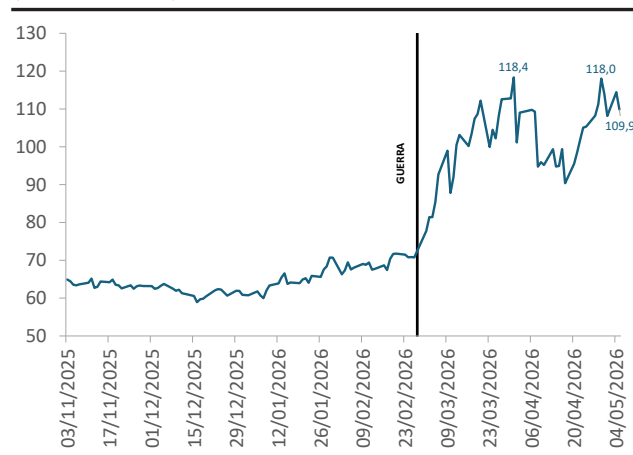


Fonte: Bloomberg.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 13

**Preço do petróleo Brent**  
(Em US\$/barril)



Fonte: Bloomberg.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Variável relevante no comércio internacional, o preço do frete marítimo também passou por forte elevação com a guerra, como o índice que mede o custo do transporte marítimo de produtos petrolíferos refinados (por exemplo, gasolina, diesel e combustível de aviação) em navios-tanque, que em 1º de maio estava 125% acima do nível de 27 de fevereiro (tabela 4).

TABELA 4

**Índices de frete marítimo: variação entre antes e depois da Guerra do Iraque**

|                                             | Var.% entre 27/2 e 30/4/2026* |
|---------------------------------------------|-------------------------------|
| Baltic Clean Tanker index – BCTI            | 125%                          |
| Shanghai Containerized Freight Index – SCFI | 43%                           |
| Baltic Dirty Tanker index – BDTI            | 38%                           |
| Baltic Dry index (BDI)                      | 27%                           |
| World Container Index Drewry – WCI          | 17%                           |

Fontes: BCTI e BDTI, disponíveis em: [stockq.org](http://stockq.org); SCFI e BDI, disponíveis em: [tradingeconomics.com/](http://tradingeconomics.com/); e WCI, disponível em: [drewry.co.uk/](http://drewry.co.uk/).

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac do Ipea.

Obs.: Em alguns casos, 1º de maio.

## Box 2

### Glossário dos índices de frete da tabela 4

Baltic Clean Tanker index – BCTI: índice diário calculado pela Baltic Exchange em Londres que mede o custo do transporte marítimo de produtos petrolíferos refinados (como gasolina, diesel e combustível de aviação) em navios-tanque “limpos”.

Shanghai Containerized Freight Index – SCFI: indicador semanal das tarifas de frete marítimo à vista para contêineres que saem do porto de Xangai, na China, para treze destinos globais, com maiores pesos no índice para Europa (20%), Costa Oeste dos Estados Unidos (20%) e Mediterrâneo (10%). O porto de Dubai, que fica no Golfo Pérsico, próximo ao Estreito de Ormuz, tem peso de 7,5%. O Porto de Santos tem peso de 5%.

Baltic Dirty Tanker index – BDTI: índice de transporte marítimo, publicado diariamente pela [Baltic Exchange em Londres](http://Baltic Exchange em Londres), que mede o custo médio do frete para o transporte de petróleo bruto e óleo combustível pesado.



São chamados “sujos” porque deixam resíduos nos tanques, ao contrário de produtos refinados (gasolina, diesel), que são rastreados pelo Baltic Clean Tanker Index.

Baltic Dry Index (BDI): indicador diário da Baltic Exchange em Londres que mede o custo do transporte marítimo de matérias-primas secas (carvão, minério de ferro, grãos) em grandes navios graneleiros.

World Container Index Drewry – WCI: calculado pela consultoria independente [Drewry](#), é um índice semanal que monitora os preços “spot” (de curto prazo) de frete marítimo de contêineres para as principais rotas comerciais do mundo.

Box elaborado por Estêvão Kopschitz

## 4 Taxa de câmbio

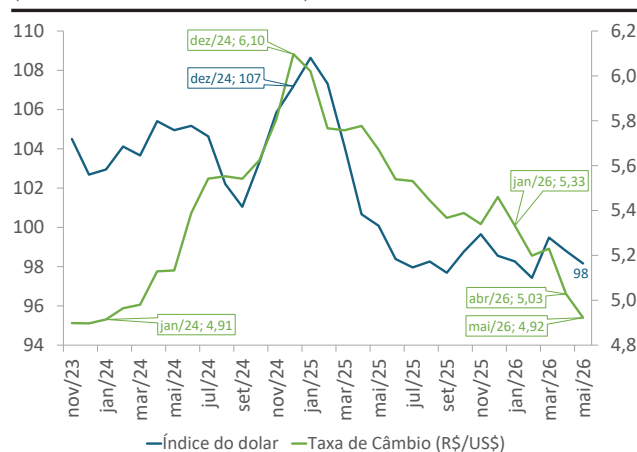
Como discutido na última edição desta *Carta de Conjuntura*, o dólar vem perdendo força globalmente desde o início do ano passado, refletindo as incertezas geradas pela política comercial do governo de Donald Trump, que anunciou tarifas generalizadas sobre diversos países. Somava-se a esse cenário um ciclo de cortes de juros nos Estados Unidos, movimento que tendia a favorecer moedas de países emergentes, ajudando a explicar a valorização do real até fevereiro de 2026.

A partir de então, a guerra no Oriente Médio passou a reforçar esse movimento, ao impulsionar os preços das *commodities* e beneficiar países exportadores desses bens. Ao mesmo tempo, a elevação dos preços do petróleo e seu impacto sobre as taxas de inflação norte-americanas, com incerteza sobre se passageiros ou duradouros – caso em que poderiam ter efeitos secundários sobre outros preços da economia – levaram à interrupção do ciclo de queda das taxas dos FED Funds, o que tende a reforçar o dólar. Além disso, os Estados Unidos também são um exportador líquido de petróleo e gás natural, o que faz com que a elevação dos preços dessas *commodities* atue na direção de valorizar o dólar internacionalmente. A resultante desses fatores, não obstante, foi a valorização do real: nos dez dias que antecederam a eclosão da guerra, em 28 de fevereiro, o dólar valia, em média, R\$ 5,18; nos dez dias terminados em 11 de maio, R\$ 4,95, uma queda de 4,5%.

Em perspectiva desde o início da administração Trump, o dólar estava cotado em R\$ 6,10 em dezembro de 2024 (média do mês), tendo caído, desde então, cerca de 19% (gráfico 14).

A desvalorização do dólar não aconteceu apenas no Brasil, mas também em diversos mercados emergentes, com destaque para latino-americanos. Isso pode ser observado na tabela 5, que apresenta a variação percentual das taxas de câmbio (moeda local/dólar) para o Brasil e os principais países emergentes em comparação com o início do ano passado (1º de janeiro de 2025), quando começou o movimento de depreciação do dólar. Entre as moedas desses países, o real figura como a que mais se apreciou. Nota-se que, dos países cujas moedas se valorizaram, os três primeiros são da América Latina (Brasil, México e Colômbia).

GRÁFICO 14  
Índice do dólar norte-americano (cesta de moedas/dólar) e taxa de câmbio real/dólar  
(Mar. 1973 = 100 e R\$/US\$)



Fonte: BCB.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Obs: Maio 2026 até o dia 8.

TABELA 5  
Variação da taxa de câmbio: Brasil e principais emergentes  
(Em %)

| País          | Variação |
|---------------|----------|
| Brasil        | -20,3    |
| México        | -17,5    |
| Colômbia      | -15,1    |
| África do Sul | -12,9    |
| Malásia       | -12,3    |
| Chile         | -10,5    |
| Peru          | -8,2     |
| Romenia       | -7,8     |
| China         | -6,8     |
| Tailândia     | -5,6     |
| Bangladesh    | 2,0      |
| Filipinas     | 4,8      |
| Indonésia     | 7,9      |
| Índia         | 10,3     |
| Polônia       | 14,9     |
| Turquia       | 28,2     |

Fonte: Bloomberg.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac do Ipea.  
Obs.: Variação entre 8 de maio de 2026 e 1o de janeiro de 2025.

**Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):**

Claudio Roberto Amitrano (Diretor)

Mônica Mora y Araujo (Coordenadora-Geral de Estudos e Políticas Macroeconômicas)

**Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:**

Claudio Hamilton Matos dos Santos (Editor)

Estêvão Kopschitz Xavier Bastos

Leonardo Mello de Carvalho

Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti

Maria Andréia Parente Lameiras

Mônica Mora y Araujo

Sandro Sacchet de Carvalho

Sergio Fonseca Ferreira

**Equipe de Assistentes:**

Caio Rodrigues Gomes Leite

Marcelo Guedes Pecly

Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

**Equipe Administrativa:**

Aline Conceição Santos

Carla Nunes Menezes

Rosanne Rodrigues Barbosa

**Design/Diagramação:**

Augusto Lopes dos Santos Borges

Leonardo Simão Lago Alvite

---

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

---